

# **Dr. David Schreiner, Pondering the Spade, Sessão 4, Algumas outras descobertas importantes e a natureza das convergências**

© 2024 David Schreiner e Ted Hildebrandt

Este é o Dr. David B. Schreiner em seu ensinamento sobre Ponderando a Espada. Esta é a sessão 4, Algumas outras descobertas importantes e a natureza de suas convergências.

Tudo bem. Estamos no fim do caminho aqui, pessoal. Aula quatro e iremos até você. Vou atacar vocês com força e força aqui, um tiro rápido e rápido, porque temos muitas outras descobertas das quais quero pelo menos informá-los, apresentá-los.

Em cada descoberta, há uma grande, enorme discussão. Essas são descobertas muito, muito importantes, mas, infelizmente, vou dar a vocês os pontos altos e encerrar tudo isso. Mas, novamente, haverá algumas convergências amplas aqui, algumas convergências estreitas aqui, e vamos persegui-las a partir daqui.

Mas vamos saltar para frente e para trás. Mas, novamente, isso será um pouco mais rápido e divertido. Mas quero começar hoje com a ideia desses pithoi, potes grandes, por assim dizer, encontrados em um lugar chamado Kuntillet Ajrud.

Agora, Kuntillet Ajrud, vou lhe mostrar uma imagem no mapa aqui, mas para entender o que estamos acontecendo aqui, novamente, temos que entender o contexto desta descoberta. Onde é este lugar? Porque acho que isso realmente tem algumas implicações importantes, desculpe-me, algumas implicações importantes sobre como entendemos o que estamos lendo. Mas isto é, o que encontramos em Kuntillet Ajrud é um monte de coisas.

Quer dizer, encontramos um monte de iconografia . Quer dizer, se você gosta de estudar ícones, se gosta de estudar imagens, esse site vai ser o que mais vai gostar, isso vai te surpreender, se você quiser. Vocês vão adorar esse site porque tem muito graffiti, tem muita imagem, mas também tem muito texto aqui.

Portanto, epigrafistas e iconógrafos, pessoas que se especializam no estudo da escrita hebraica e pessoas que estudam e se especializam no estudo de ícones e imagens hebraicas, eles amam este lugar. E há uma conversa interessante sobre se as fotos acompanham ou não a inscrição. E não serei capaz de entrar nisso o suficiente, mas falo um pouco sobre isso em meu capítulo sobre isso.

Mas o consenso sempre foi que as imagens não combinam realmente com a inscrição. Mas houve um argumento muito, muito interessante apresentado

recentemente na memória recente que diz: não, não, não, na verdade pensamos que as inscrições acompanham as imagens e funcionam juntas para criar esta narrativa. Então, é muito importante falar sobre os muitos aspectos disso.

Mas este local está na intersecção das antigas rotas de viagem do Oriente Próximo, localizadas no canto da Península do Sinai. Tudo bem, então aqui está a sua Península do Sinai. Este é o Egito moderno.

Bem aqui está o Israel moderno. Ali está a Cisjordânia. Lá está a Faixa de Gaza.

Mas esse lugar fica bem aqui, e fica no Negev, pessoal. Quero dizer, é horrível. É terrível.

Está quente. Faz 900 graus quando você aparece lá. Não é um local muito grande, mas, curiosamente, fica na intersecção de algumas rotas antigas que saem do Egito e chegam aqui na Síria-Palestina.

E isso se tornará importante porque como devemos entender essas invocações das quais falaremos aqui em um segundo? Bem, acho que a maneira como você começa a entendê-los é reconhecendo o fato de que esta é uma antiga parada de caminhões. Tudo bem? Entraremos nisso aqui em um segundo. As escavações no local aconteceram rapidamente, e foram feitas na década de 1970 por um cara chamado Ze'ev Meshel.

E o site, novamente, como mencionei, é um site modesto. Mas naquele local modesto havia algumas instalações, e usamos o termo instalação para falar de um edifício que realmente não sabemos como funciona. Mas havia algumas instalações que tinham muitos grafites e inscrições associadas a elas.

Agora, há um debate sobre se este era um local militar. Basicamente, era um local de fortificação? Era um local de culto? Ou é um caravansário? Caravansário. Caravansário.

Sim. Caravansário, que é uma palavra chique para uma antiga parada de caminhões. Então, há um debate.

A implicação cúltica, a discussão cúltica, está associada ao que estas inscrições realmente dizem porque estas inscrições são invocações. Você tem um indivíduo invocando o Senhor para abençoar outra pessoa. E assim, eles são conhecidos pelas inscrições votivas.

É por isso que este site é conhecido. São inscrições votivas. Então, quais são essas inscrições votivas? Existem duas inscrições votivas em Pythos A e Pythos B que são muito, muito importantes.

Eles são importantes porque ligam o Tetragrama, o nome divino Yahweh, Yod-Heh-Vav-Heh, com uma localização geográfica e o substantivo Asherah. OK? Então, Yahweh está sendo invocado para uma bênção, e Yahweh está sendo associado a um substantivo que tem o substantivo Asherah. Agora, novamente, o debate fica um pouco mais complicado porque é Asherah, a divindade pagã, ou é Asherah o pilar que simboliza a divindade pagã? E o que fazemos com a desinência possessiva consonantal, sobre a qual falaremos em um segundo.

Mas aqui está o conteúdo. Aqui está o conteúdo das inscrições aqui, e vou lê-las para você bem rápido. Pronúncia de Ash-Yah, o rei.

Diga a Yahalel, e a Yawash, e a fulano de tal, eu te abençoo pelo Senhor de Samaria e seu Asherah. Então, a frase principal é: eu te abençoo pelo Senhor de Samaria e seu Asherah. Então, novamente, você pode ver como Yahweh está associado ao substantivo Asherah.

Mas há um debate sobre Asherah. Como entendemos as consoantes que são frequentemente traduzidas como seu Asherah? E o segundo pithos, e novamente, vou ler isso para você apenas para discussão. A questão é semelhante.

Diga ao meu Senhor. Novamente, esta é uma invocação individual praticando. Diga ao meu Senhor, está tudo bem com você? Eu te abençoo por Yahweh de Taman e seu Asherah.

Que ele te abençoe e te guarde, e que ele esteja com meu Senhor. Então você pode ver as dificuldades aí. Você pode ver os problemas que essa coisa causou.

De repente, temos uma inscrição. Ah, olhe a caligrafia. Veja as imagens.

Mas quando todo mundo olha para a caligrafia, é o quê? Diz, o quê? Ah, olhe, o Tetragrama. Ah, olhe isso. Esse é um bom Senhor.

Mas espere, isso é Asherah? E é Asherah com um sufixo predominante masculino singular de terceira pessoa. O que está acontecendo lá? E então o que isso representa? Isso representa sincretismo? Isso representa o paganismo desenfreado entre os adoradores de Yahweh? Existia realmente monoteísmo? Assim, você pode ver para onde vão todas as conversas. Então, as questões são, essencialmente, como entendemos este substantivo, Asherah, e quais são as implicações da nossa compreensão? Então, vamos ver como entendemos esse substantivo, Asherah.

Então, a questão são as consoantes, como já aludi, as consoantes que podem representar o nome próprio, Asherah, ou o que parece ser um símbolo de madeira, também chamado de Asherah, que parece representar a deusa pagã. Tudo bem?

Temos aquelas consoantes que representam uma dessas duas coisas, e então, além disso, temos o sufixo predominante masculino singular de terceira pessoa, ok, que é a adição de posse de acordo com as regras da gramática hebraica. Então, se você colocar um sufixo predominante em um substantivo, isso mostra posse.

Agora, o problema é que praticamente não há evidências, evidências linguísticas que apoiem a ideia de que um nome próprio tenha um sufixo possessivo, ok? Então esse é o problema de ler a inscrição como Asherah com A maiúsculo, como um nome próprio para a divindade, ok? Nome próprio da deusa. É um problema gramatical, e é por isso que muitas pessoas irão lê-lo como seu Asherah a minúsculo. Agora, Rick Hess apareceu em seu livro, *Religiões Israelitas*, e discutiu, ele o republicou, na verdade. Foi uma discussão que ele publicou anteriormente, mas li sobre ela pela primeira vez em seu livro, *Religiões Israelitas*.

Rick Hess disse que, não, este não é um sufixo predominante, mas sim, aquele ei final que todo mundo pensa ser um sufixo predominante é na verdade o remanescente de um final arcaico, um final duplo feminino. Então, não é seu Asherah com A maiúsculo, mas apenas Yahweh e Asherah. Então, Rick Hess leria, essencialmente, eu te abençoo por Yahweh de Timan e Asherah.

Então, ele não está colocando seu Asherah nisso. Então, Rick Hess está lendo um nome próprio, mas sem o sufixo predominante e seu argumento é interessante.

É bastante formidável. Então, essas são as questões. Agora, honestamente, por mais que entendamos isso agora, especialmente considerando o fato de que esses Asherim fazem parte das Proibições Deuteronomicas, que não mantemos Asherim em nossos locais de culto, nós nos livramos deles, onde quer que você chegue a isso, seja você vai com um nome próprio com a terminação feminina dupla, quer você vá com um nome próprio com o sufixo predominante, quer você vá com o Asherah minúsculo com o sufixo predominante, qualquer que seja lá, a questão é a mesma.

Você tem uma inscrição onde uma pessoa está invocando uma bênção por dois mecanismos, Yahweh, que é associado como Yahweh de Samaria ou Yahweh de Timan, e Asherah, que mesmo se você usar o poste de madeira que simboliza a divindade pagã, você é invocando esta bênção pelo poder de uma divindade pagã. Então, você tem o que parece ser sincretismo acontecendo aqui. Você tem alguém invocando uma bênção não apenas de Yahweh, Yahweh e algo mais.

Dada a estrutura monoteísta do Antigo Testamento, Deuteronomio, a teologia dos profetas, etc., Isaías, é monoteísmo, é somente Yahweh. Então, essa é uma ideia sincrética. Ora, não acredito que isto seja motivo para questionar se o monoteísmo alguma vez existiu ou não.

Porque lembre-se, esta é uma antiga parada de caminhões no meio do nada. Quem sabe quem é esse indivíduo? Quem sabe o que esse cara representa? Ele é membro do clã sacerdotal? Não sei. Ele é membro ou representa o Yahwismo oficial? É difícil dizer.

Mas o que isso significa, novamente, é pegar o que as evidências nos dão. A evidência dá-nos a presença do sincretismo, que é exactamente contra o que os profetas, os profetas clássicos dos séculos IX, VIII e VII protestaram. Que vergonha por não entender quem é Yahweh.

Você devia se envergonhar; estes são os profetas. Que vergonha por perverter a adoração de Yahweh por X, Y e Z. Que vergonha por esse sincretismo. O que encontramos em Kuntillet Ajrud não deveria nos perturbar. Isto é exactamente contra o que os profetas estavam reclamando e protestando.

Ok, então, novamente, pegue o que as evidências nos dão. A evidência nos leva a um tipo de sincretismo, principalmente porque a bênção está sendo invocada tanto por Yahweh quanto por algum tipo de entidade pagã. Mas isto é exactamente o que esperaríamos, dada a crítica profética.

Novamente, isso é o que eu provavelmente chamaria de convergência estreita, dado o fato de que passagens específicas do Antigo Testamento falam sobre sincretismo. Ok, mas, novamente, entendo que isso se refere amplamente à cosmovisão teológica popular mais ampla que está acontecendo. Novamente, coisas muito, muito interessantes.

Aqui está uma bela foto de um dos Pithoi, bibleodyssey.org. Tudo isso é de domínio público. Pode, esta é uma foto, tem a inscrição aqui mesmo de um deles. Você pode ver como é lá.

E então estes são os ícones. E tudo isso é tradicional, desculpe, tudo isso é tradicional, tudo isso é iconografia pagã tradicional, iconografia cananéia. O que também é interessante aqui é que você tem cartas aqui.

Estas são apenas letras aleatórias. Então, tudo isso é uma peça de cerâmica que um escriba que estava viajando pela região usou como prática? Você sabe, era uma pessoa praticando uma invocação aqui? Então, foi realmente feito para representar nada mais do que apenas prática? Não sei, é uma conversa interessante. Novamente, abordamos qual é a relação entre todas essas coisas.

Mas de qualquer forma, é uma coisa interessante e legal de se ver. Infelizmente, seguindo em frente, Ketef Hinnom, os amuletos de Ketef Hinnom. Agora, isso é interessante.

Eu realmente gosto dessas coisas com base no que elas representam. Portanto, Ketef Hinnom é um antigo cemitério de tubos de ferro com vista para o Vale de Hinnom, nos arredores de Jerusalém. E é um cemitério muito grande.

É um cemitério muito sofisticado, o que sugere que as pessoas que utilizaram este cemitério eram pessoas de um nível socioeconômico significativo. Eles tinham dinheiro, eles tinham poder, e prestígio . Esta é uma tumba muito grande.

Uma das coisas que precisamos entender sobre os cemitérios no antigo Israel é basicamente como eles enterram as pessoas. E o que eles usaram foi algo chamado de internações múltiplas. Então, quando você enterra alguém, você o coloca em uma espécie de mesa central e deixa o corpo dele se decompor.

E então, uma vez que o corpo deles se decompunha, você reunia todos os ossos e tudo mais e os colocava em um ossuário. Você os colocaria em outro lugar para mantê-los permanentemente. Essa é a segunda internação.

Então, neste cemitério, que é novamente, havia várias cavernas, e em cada uma dessas cavernas havia vários quartos. Numa destas cavernas e numa destas salas, havia obviamente um banco onde depositavam os corpos, mas debaixo de um desses bancos havia um repositório porque enterramos pessoas com coisas. Eles enterram pessoas com coisas.

Enterramos meu avô com seu equipamento do Cincinnati Reds porque ele era titular de um ingresso para a temporada do Cincinnati Reds. Então, as pessoas enterram outras pessoas com coisas, e as coisas com as quais enterramos as pessoas são significativas no sentido de que nos dizem um pouco sobre elas. E quando as pessoas eram internadas pela segunda vez, elas pegavam o material com que foram enterrados e colocavam em um repositório.

E em um desses repositórios, ele estava lotado, mas encontraram dois pequenos pergaminhos que basicamente pareciam bitucas de cigarro. Agora, como no mundo você encontra isso? Bem, é fácil. Você pega todo o conteúdo desse repositório, joga-o em uma peneira e sacode a peneira.

Toda a poeira cairia, criando uma enorme tempestade de poeira. Não é realmente enorme, mas esta nuvem de poeira está bem ao seu redor. E todas as coisas valiosas, todas as coisas difíceis, ficariam no topo da grelha.

Quero dizer, você pareceria um cara que acabou de sair de uma tempestade de areia no meio do deserto da Arábia, mas tinha todas as coisas valiosas bem na sua frente. E em um desses casos, eles passaram pela peneira e encontraram essas coisas que pareciam bitucas de cigarro, e pensaram: isso parece estranho. E eles começaram a

olhar para esta coisa, e limparam-na, e então perceberam que aquelas pontas de cigarro não eram pontas de cigarro, mas pequenos rolos de prata.

Agora eles estão intrigados. Temos pergaminhos de prata? Temos coisas de prata? O que é isso? Então eles se envolveram em um processo químico muito, muito complicado de desenrolar essas coisas, que são pequenas, pessoal.

Eles são pequenos. Quer dizer, estamos falando de centímetros. E você pode conseguir isso, você pode conseguir isso, você pode obter essas imagens, novamente, em domínio público.

Mas, quero dizer, estamos falando de 10 centímetros de cima para baixo aqui. Você sabe, é muito, muito pequeno. Espere, eu tenho isso aqui? Espere, posso ter as dimensões reais.

Não tenho as dimensões reais escritas no slide, mas é muito, muito pequeno – estamos falando de apenas centímetros. Então, você pode imaginar quão pequeno.

Veja, estas são letras em todas essas rachaduras. E esta é a prata quebrada aqui. Centenas e milhares de anos sem fazer nada além de ficar sentado em um repositório enterrado na terra.

E a prata, você ainda pode ver a escrita. Você pode ver como foi difícil desenrolá-los. Mas o que foi emocionante nisso foi quando eles submeteram esses pergaminhos prateados, esses pequenos pergaminhos, a microscópios muito, muito poderosos, com uma iluminação muito, muito sofisticada, eles começaram a ler e disseram, ah, isso parece familiar.

Onde eu já ouvi isso antes? Ah, sim, Números capítulo 6, a bênção levítica, tudo bem, sobre a qual lemos, que o Senhor te abençoe e te guarde, que Ele nos faça, isso aí está escrito nesta coisa. OK? Esses minúsculos pergaminhos de prata contêm a primeira citação bíblica, a mais antiga que já encontramos até agora. OK? Esta é uma citação bíblica porque estas coisas estão citando a bênção levítica de Números capítulo 6, versículo 24.

Eu não acho que você possa questionar isso. Agora, o que é interessante discutir é se esta bênção levítica também está sendo infundida em outras passagens, digamos, de Deuteronômio, porque há evidências que sugerem que há mais do que isso. E então, eles estão usando a bênção sacerdotal levítica em conjunto com outras passagens para criar algum tipo de amuleto? Lembre-se, essas pessoas foram enterradas com esses pergaminhos pendurados no pescoço, então qual era a função desses pergaminhos? Algumas pessoas acreditam que eles estavam lá para afastar os espíritos malignos porque há muitas evidências comparativas que sugerem que as

peessoas anotavam as coisas e as mantinham consigo para evitar que os espíritos malignos fossem para a sepultura.

Tudo bem? É uma possibilidade. É uma possibilidade. Sem dúvida, porém, as implicações são fascinantes porque isto nos mostra, mais uma vez, que este é o Ferro 2. Isto é o pré-exílio.

Isto é por volta da época de Josias. Diz-nos que as tradições sacerdotais estavam a ser escritas e divulgadas o suficiente para serem utilizadas em contextos populares. Agora, isso é interessante, porque não muito tempo atrás, os estudos revisitaram esta ideia de, bem, o Pentateuco foi realmente composto após o exílio no período persa? Você sabe, Wellhausen foi o primeiro a dizer, ah, a literatura sacerdotal, tudo em Levítico e todas as coisas sacerdotais, ah, isso é tarde.

Isso é pós-exílico. Tudo bem? Ele disse isso no século 19, e todo mundo estava tipo, não, você é louco, mas, você sabe, não há nada de novo sob o sol, certo? Revisitamos isso com roupas novas, certo? E de repente, começamos a dizer, bem, o Pentateuco é e então, portanto, o material sacerdotal também? Não, não foi. Não era.

Isto silencia este debate porque esta coisa, como um pergaminho de prata, como um amuleto de prata que foi colocado no pescoço do Joe comum ou da Jane comum, usado por qualquer motivo, eles foram enterrados com ele, tem uma citação de Números. Então, a tradição estava suficientemente estabelecida, estava suficientemente codificada para ser disseminada fora dos círculos sacerdotais. Quer isso tenha sido usado ou não como amuleto para, entre aspas, afastar os maus espíritos, não acho que esse seja o foco da conversa.

Provavelmente, isso é ótimo, certo? Mas isto está a ser usado por alguém da população, não pela classe sacerdotal, pelo menos até onde sabemos. E solidifica que as tradições sacerdotais não eram pós-exílicas. Eles eram pré-exílicos.

E durante o Ferro II, eles foram codificados o suficiente para terem um certo status de autoridade associado a ele, ok? E também mostra que as tradições sacerdotais também eram utilizadas por pessoas fora dos círculos sacerdotais. Então, essas são as implicações que podemos, essas são as implicações que podemos tirar. E para alguém como eu, que está interessado no processo canônico, como conseguimos o Antigo Testamento, a maneira como, você sabe, abrimos nossa Bíblia e lá está o Antigo Testamento, como conseguimos isso? Para quem está interessado nisso, isso é realmente fascinante, porque nos mostra que essa coisa estava por aí, está sendo usada, foi considerada com autoridade, certo? E é pré-exílio, certo? É pré-exílio.

Era do aço. A Idade do Ferro é a época da cultura israelita clássica, certo? Foi quando Israel fez seu nome. E qual é o maior legado do qual o antigo Israel se orgulha? O antigo Testamento.

É a escritura. Essa é a coisa que existe há milênios. Isso é o que impactou o globo.

E tudo isso está ganhando força durante a Idade do Ferro. Idade do Ferro, Israel antigo, coisas fascinantes, ok? Monte Ebal. Vamos para o Monte Ebal, certo? O Monte Ebal é outro exemplo de convergência estreita.

O Monte Ebal é um local específico. Fica na Cisjordânia dos tempos modernos, por isso é politicamente muito difícil de abordar. Fica bem em frente ao Monte Gerizim.

Mas, quero dizer, não gosto de falar sobre isso, não gosto necessariamente de pular, deixe-me colocar dessa maneira, não gosto de pular em exemplos entre aspas onde a arqueologia prova a Bíblia, mas acho que este é um deles. Quero dizer, eu realmente acho que o que estamos olhando, no Monte Ebal, é o altar de Josué, mencionado e discutido no capítulo 8, Josué capítulo 8, versículos 30 a 35. Eu realmente acredito nisso.

Não gosto de dizer isso, mas realmente acredito nisso. Adam Zertal iniciou a expedição na década de 1980, e realmente aconteceu durante a década de 80. Ele encontrou o local pela primeira vez, se bem me lembro, no final dos anos 70, e iniciou a escavação no início dos anos 80.

Porque o que ele encontrou foi, ele encontrou isso. Ele estava fazendo isso, ele estava fazendo uma pesquisa nas Terras Altas Centrais em associação com um projeto de pesquisa maior, e ele se deparou com o Monte Ebal, e ele disse, hum, isso parece interessante. Isso parece um grande, enorme altar.

E então ele disse, eu tenho que ir, tenho que escavar isso. Então, ele volta nos anos 80 e escava, e encontra essa coisa, essa instalação, e enquanto ele escava, e enquanto ele escava, ele descobre que esse lugar foi usado extensivamente, mas só foi usado por muito, período de tempo muito curto. Com base na cronologia da cerâmica, na datação e em alguns dos escaravinhos egípcios que foram encontrados, e esse tipo de coisas, foi por volta da época de Ferro I, bem por volta da época do assentamento israelita.

Quando Israel estava entrando na Terra Prometida, esta coisa parece estar funcionando. Existem duas fases de desenvolvimento. Lembre-se, em arqueologia, iniciamos um sistema de numeração de cima para baixo.

A primeira coisa que chegamos é uma; o próximo é dois, o próximo é três e o próximo é quatro. E como você pode ver, como as coisas foram construídas umas sobre as outras, quanto maior o número realmente significa, mais antigo ele é. Então, o nível um deste site foi desenvolvido de forma muito sofisticada, certo? E

vou mostrar a vocês um desenho disso aqui em um segundo, uma reconstrução artística disso.

Mas está significativamente desenvolvido. Mostrou essa estrutura enorme ali com essa rampa. Mostrou algum tipo de rampa.

Havia um sistema de pátio aqui. Vou mostrar um desenho que vai mostrar um pouco. Mas havia toneladas e toneladas, milhares de ossos de animais, certo? E milhares de ossos de animais ali.

E cada um desses ossos de animais, sem falta, não tinha ossos de porco também, aliás, o que é significativo porque quem não comia porco? Supostamente os antigos israelitas, mas os filisteus sim. Então, não podemos dizer que isso foi, você sabe, a ausência de ossos de porco é uma variável muito importante a ser considerada aqui. Mas não havia ossos de porco e, de todos os ossos de animais, praticamente todos eram considerados elegíveis para sacrifício de culto, certo? Então, e todos esses ossos foram queimados, estão carbonizados, cinzelados.

Então, foi isso que encontraram aqui no Estrato 1. O Estrato 2, porém, era significativamente menos desenvolvido. O site era muito mais modesto. Então, algo aconteceu entre o Stratum 2 e o Stratum 1. Alguém apareceu e expandiu o site, desenvolveu o site e colocou essa coisa, tudo bem, em jogo aqui.

Isto é muito, muito interessante. Esta é uma reconstrução de como Zertal e companhia pensavam que era. Agora, se você acha que isso se parece com um altar, sim, porque foi aí que Zertal pousou.

Veja isso. Zertal mostrou evidências de um muro de pedra e demarcação de espaço sagrado, que é exatamente o que você esperaria de um local de culto. Dentro do muro, solo sagrado e sagrado.

Fora do muro, eh, quem se importa, certo? Então você tem este pátio, certo? E tem buraquinhos aqui, e nesses buraquinhos, foi onde foram encontrados todos os ossos, certo? Ash, há uma tonelada de cinzas aqui embaixo, certo? Observe a rampa, o altar, que era basicamente perfeitamente quadrado, certo? Então, Zertal, para muitas dessas coisas, quando ele acumula as evidências, eventualmente chega à conclusão, acho que temos o altar de Josué aqui. É uma instalação que data de Ferro I, quando Joshua estaria correndo por aí. Parece sugerir uma função de culto.

Todos esses ossos de animais, carbonizados, cortados, todos esses animais são elegíveis para sacrifícios de culto. Você tem uma instalação que possui uma rampa. É um quadrado perfeito.

Você tem cinzas e, ah, a propósito, de acordo com o livro de Josué, é exatamente aqui que se esperaria encontrar o altar de Josué. Ele deveria criá-lo no Monte Ebal. Este é o lugar onde, logo após a tragédia de Jericó e eu, ele volta e ratifica novamente o pacto com a comunidade, ok? Então, isso é um exemplo? E você pode ler sobre o debate.

Eu falo sobre o debate. O debate é muito mais sofisticado do que isso, mas, novamente, dando-lhes os contornos gerais, mas isto é um exemplo? Este é o altar de Josué? Temos o altar de Josué aqui? E é aqui que estou, pessoal. Se anda como um pato, grasna como um pato e se parece com um pato, é um pato? Quero dizer, honestamente, essa é uma pergunta que devemos nos fazer.

Se parece um altar, cheira a altar, parece funcionar como um altar, é um altar? E se for um altar, é dessa época, ok? E está bem ali no Monte Ebal, e temos evidências textuais que sugerem que Josué construiu um altar em resposta ao cumprimento dos mandamentos de Deuteronomio capítulo 27. Quero dizer, este é o altar de Josué? Quero dizer, novamente, o que o bom senso lhe diz? Você pode tomar sua própria decisão e ler sobre o debate. Você pode ler sobre os detalhes técnicos do debate, mas Ralph Hawkins escreveu, escreveu sua dissertação sobre esse assunto.

Ralph Hawkins escreveu uma monografia sobre isso e é um argumento muito bom. E Ralph fala sobre como esta é uma instalação de culto. Não é uma torre de vigia porque tinha um cara; é bastante interessante que Zertal tenha travado esse diálogo com um estudioso chamado Aaron Kopsky na década de 80, quando ele estava apresentando essas ideias pela primeira vez.

E Kopsky basicamente disse: Zertal é louco, ele é maluco, é uma torre de vigia, não é um local de culto. E então, há muito debate, houve muito debate, ainda há muito debate, mas é muito difícil para mim, é muito difícil para mim ver isso além de um site de culto. E se for um local de culto que data de Ferro I, estamos lidando com o altar de Josué? E eu penso, falo sobre isso como o altar de Josué.

Acho que este é um exemplo em que a arqueologia e as escavações arqueológicas comprovaram a Bíblia. Isso não acontece com frequência. Novamente, pegue o que a evidência nos dá.

E neste caso, desculpe-me, é uma questão de, será que se ele anda como um pato, grasna como um pato e se parece com um pato, é um pato? Eu acho que é. Coisas interessantes, Monte Ebal. Manuscritos do Mar Morto, agora vou enlouquecer com vocês aqui, porque vou começar a me aventurar em algumas coisas que estão fora do Antigo Testamento.

Muitas pessoas, quando você ouve os Manuscritos do Mar Morto, são estudantes de doutorado em Novo Testamento, eles ficam tipo, estou fazendo um trabalho nos

Manuscritos do Mar Morto. Bem, é claro que você está, porque é isso que todos eles fazem. Mas de qualquer forma, os Manuscritos do Mar Morto são muito, muito interessantes, e se você não conhece a história sobre como os Manuscritos do Mar Morto chegaram aos olhos do público, foram basicamente publicados, ah, você tem que ler sobre isso.

Quero dizer, estamos falando de teorias da conspiração, estamos falando de interferência governamental, e estamos falando de estudantes de doutorado com um professor sentado em seu dormitório com um laptop, apenas explodindo coisas, por assim dizer. Quero dizer, é realmente, quero dizer, é interessante. A história é, e eu não sou, quero dizer, a história é que havia um estudante de doutorado no HUC em Cincinnati com seu professor.

Eles sentaram em seus computadores desktop e lançaram, e esta é a Internet que estava apenas começando, eles forçaram a publicação pública sob a Autoridade de Antiguidades de Israel sozinhos em uma sala em Cincinnati, Ohio. Quero dizer, é realmente interessante. Você tem membros do comitê, o comitê original, se rebelando.

É muito engraçado. Mas os Manuscritos do Mar Morto, milhares e milhares de fragmentos de manuscritos, alguns manuscritos completos, ou alguns pergaminhos completos, como o Pergaminho de Isaías, foram encontrados em cavernas no final da década de 1940. O beduíno local tropeça na caverna, olha e, ah, o que há nesses potes? Oh, isso é um monte de manuscritos.

Ei, isso pode ser valioso, e eles começam a liberá-los. Mas a publicação realmente desacelerou. Após o fervor inicial de publicação, eles realmente ficaram atolados na burocracia, realmente atolados em lutas políticas internas, etc.

Houve, você sabe, a transição do governo jordaniano para o governo israelense causou alguns problemas, e havia pessoas no comitê que estavam sendo substituídas. E então, foi realmente um caso triste ao ponto de estar a passos de lesma. E a comunidade acadêmica começou a ficar indignada com isso porque de repente você tinha essas dissertações de doutorado aleatórias, e eles estariam citando essas evidências do deserto, e esses fragmentos de pergaminho, e as pessoas estavam coçando a cabeça, e então eles vou perceber, ah, o orientador da dissertação é alguém do comitê.

Então, eles são semelhantes a essas novas informações que ninguém mais é. Então, você tinha acadêmicos ficando muito bravos e forçando os limites, empurrando os limites, e então você tinha o pessoal do HUC [Hebrew Union College] que simplesmente explodiu tudo, e eles disseram, ok, vamos apenas forçar sua mão, tudo bem? Faremos você divulgar tudo ao público. Mas eventualmente eles foram

liberados em domínio público, novamente, graças a estudantes de pós-graduação e a um computador desktop.

Eu amo esta foto. São pequenos, não sei se vocês conseguem ver isso aqui, mas são pequenas fotos, e esses pontinhos aqui, são fragmentos de texto, e você tem pessoas como esse cara aqui, e esse cara aqui cujo O trabalho era sentar lá e olhar para essas coisas e tentar juntá-las e tentar descobrir o que elas dizem. Agora, quero dizer, isso não é para os fracos de coração, pessoal.

Quero dizer, isso é apenas, quero dizer, falar sobre seus olhos ardendo. Mas, de qualquer forma, as implicações destes fragmentos são diversas, e podemos falar sobre eles, mas eu quero, podemos falar sobre qualquer número deles, mas eu quero fervê-los, principalmente por uma questão de tempo, eu quero fervê-los. resumindo-se a algumas coisas. Um deles é mais importante para os estudos do Novo Testamento, que, você sabe, ei, o que você sabe? Vamos nos aventurar nisso um pouco.

Mas a outra é mais geral, e essa é a questão da crítica textual. OK. Com relação ao mundo do pensamento primitivo, ao mundo do pensamento do Judaísmo primitivo, o que percebemos quando começamos a olhar para esses fragmentos dos Manuscritos do Mar Morto e descobrir o que exatamente havia neles, começamos a perceber que o Judaísmo não poderia ser definido monoliticamente, como se houvesse um judaísmo, mas sim a descrição é de múltiplos judaísmos, que o judaísmo era esse termo genérico sob o qual existem muitas manifestações diferentes.

O que parece ser o caso é que a comunidade dos Manuscritos do Mar Morto parecia ser um repositório de muitas ideias, particularmente as ideias de uma comunidade específica. E a opinião deles sobre as coisas era bastante específica. Foi muito apocalíptico.

Eles existiam à margem da sociedade judaica porque estavam em desacordo com algumas pessoas do establishment, alguns dos sacerdócios do establishment, etc. Mas eles também, no processo de isolamento no meio do deserto da Judéia, bem perto do Mar Morto, também perpetuaram muitas tradições dentro do Judaísmo. Então, temos o Pergaminho de Isaías.

Praticamente todos os livros, acho que a única exceção é Esther. Acho que Ester é o único livro do Antigo Testamento que não é atestado pela comunidade dos Manuscritos do Mar Morto. Portanto, eles foram encarregados de perpetuar muitas tradições textuais, copiar tradições textuais, garantir a sua sobrevivência, etc.

E é aí que entram em jogo as implicações da crítica textual. No entanto, as evidências dos Manuscritos do Mar Morto realmente nos permitiram ver a diversidade do

Judaísmo primitivo, particularmente do Judaísmo Palestino do primeiro século, o que é importante porque era onde Jesus estava. Quero dizer, esse é o contexto em que Jesus estava circulando. Jesus era uma voz no meio de uma sala muito, muito lotada.

E então, Jesus, temos que entender isso sobre Jesus. Não foi só todo mundo e depois Jesus. Não, era todo mundo e Jesus estava lá.

Eventualmente, obviamente, Jesus se deu a conhecer, e o resto é história. Mas as evidências dos Manuscritos do Mar Morto realmente nos permitem entender isso. E ainda estamos entendendo isso.

Ainda estamos tentando descobrir muitas dessas coisas. Quem foi Melquisedeque e qual foi a sua importância para tudo? Você vai acabar nos fragmentos e evidências dos Manuscritos do Mar Morto porque eles tinham uma ideia específica de quem era esse Melquisedeque no Antigo Testamento. O escritor de Hebreus teve uma ideia.

O mesmo fez a comunidade dos Manuscritos do Mar Morto que estava encarregada dos Manuscritos do Mar Morto. Mas a crítica textual é realmente o ponto onde realmente chega quando se trata de estudos do Antigo Testamento. Já aludi ao fato de que o Antigo Testamento é o resultado de um processo histórico muito complicado.

Nós simplesmente não entendemos nosso Antigo Testamento assim. Voilá, aí está. Não, foi ao longo dos séculos que os acontecimentos, as tradições se desenvolveram, foram compiladas, foram editadas, foram reunidas.

E o que os Manuscritos do Mar Morto nos permitem ver é a evidência de tradições concorrentes. Portanto, existem múltiplas edições do Livro de Jeremias. É claramente o mesmo Jeremias.

Mas há um exemplo do Livro de Jeremias na comunidade de Qumran, na comunidade dos Manuscritos do Mar Morto, que é organizado de forma diferente e é cerca de um sétimo mais curto. Portanto, há um desvio significativo aí, e isso nos obriga a fazer a pergunta: como são as tradições literárias, como são desenvolvidas, como são perpetuadas e como ocorrem as mudanças entre as comunidades? Então, uma comunidade daqui está preservando essa tradição. Outra comunidade aqui está preservando essa tradição.

É claramente semelhante, mas é diferente. E como essas diferenças se desenvolvem e o que isso significa? Da mesma forma, podemos falar de uma edição diferente de Daniel. Esta é uma evidência que nos diz que o nosso Antigo Testamento foi um processo de transmissão muito longo e complicado.

Os Manuscritos do Mar Morto nos dão uma visão disso de maneiras que não conhecíamos antes da década de 1940. Portanto, a crítica textual é um assunto muito, muito difícil de dominar. É um assunto muito, muito frustrante de abordar, mas é um assunto que foi esclarecido e avançado à luz das evidências dos Manuscritos do Mar Morto.

Coisas muito interessantes. Aqui está um pequeno gráfico que eu montei. Eu sei que é muito sofisticado e de primeira linha.

Não, são caixas com texto que fiz em um documento Word. De qualquer forma, isso prova isso porque o que temos aqui é que temos o processo canônico em poucas palavras, porque o que acontece é que temos textos. Temos textos individuais.

Temos textos administrativos. Digamos dos administradores de David. Fulano de Tal estava encarregado de fulano de tal.

Quem estava encarregado de fulano de tal? Temos textos. Temos tradições antigas, tradições orais, outras tradições textuais. Todas essas coisas em algum momento começaram a ser padronizadas, começaram a ser compiladas, começaram a ser reunidas por causa de alguma grande decisão administrativa, daí um texto final.

E foi aqui que mencionei a era clássica da cultura israelita e a Idade do Ferro. Bingo, bingo. É aqui que acho que tudo isso começa a acontecer de verdade.

Começo a pensar que acredito que a cultura da Judéia começa a olhar em volta, particularmente na última parte da Idade do Ferro, e diz que precisamos nos recompor. Precisamos de nos definir num contexto cada vez mais hegemônico, num contexto neo-assírio e babilônico cada vez mais tenso. Então, vamos começar a pegar todas essas tradições que nos definiram por tanto tempo e vamos começar a juntá-las.

Vamos apresentar um documento que diga quem somos. Esta é a nossa história. É daqui que viemos.

É assim que processamos o bem e o mal, à la Job. É assim que adoramos, à la Salmos. E começamos a finalizar as coisas.

No entanto, lembre-se, isso também ocorre antes da imprensa. Então, assim que tivermos esse texto final, temos que copiá-lo. Não podemos simplesmente executá-lo na máquina Xerox.

Temos que copiá-lo à mão. E quando se inclui a agência humana neste processo, é inevitável que haja corrupção. Você está fadado a cometer erros por vários motivos.

E assim, você tem aspectos geográficos e sociopolíticos que afetarão o processo de transmissão. Você comete erros, sejam intencionais ou não. E você tem alterações, novamente, sejam involuntárias ou intencionais.

E todas essas coisas serão filtros que afetarão este texto. E o que temos em Qumran é evidência de textos finais existentes simultaneamente, uma pluralidade de texto é o que Immanuel Tov usou para descrevê-lo. Isto é importante porque Qumran mostra a evidência logo antes de haver um movimento documentado em direção à padronização.

Pouco depois de Qumran, a comunidade judaica dirá: muitos. Temos que padronizar as coisas. E haverá um movimento subsequente para canalizar tudo isso novamente.

Então, esta é a importância de Qumran porque toda a evidência textual em Qumran pode nos mostrar, pode apontar para a existência de uma série de textos potenciais. Então, é complicado. Mais uma vez, estou simplificando demais a questão.

É complicado, mas é importante. Ugarit, devo dizer, e os textos ugaríticos. Uma convergência ampla aqui neste caso, mas muito, muito importante porque revolucionou a forma como entendemos a cultura cananéia e o colapso da Idade do Bronze Final.

Ugarit é um sítio antigo a cerca de um quilômetro da costa do Mar Mediterrâneo. Novamente, a Síria moderna. Esta é a área geral.

Este local foi originalmente encontrado por um fazendeiro local cuja cabeça do arado atingiu uma pedra e a quebrou. E então ele começa a olhar em volta. Ele fica tipo, oh meu Deus, esta é a entrada para um túmulo.

Era um túmulo real. Eles logo descobriram que o túmulo real estava associado a um centro urbano muito cosmopolita, bem desenvolvido e avançado, que também foi um ponto de afunilamento durante os períodos da Idade do Bronze Final e da Idade do Bronze Médio. A arquitetura desta cidade é estudada há muito, muito tempo.

Este site, novamente, foi encontrado no início do século XX. Foi escavado sistematicamente e por muito, muito tempo e a arquitetura.

Uau, a arquitetura. O planejamento da cidade, as ruas, onde colocaram os palácios em relação a todo o resto, as casas, etc., onde moravam os padres, e todo tipo de coisa. O desenvolvimento é realmente algo para se ver.

Se você gosta de arquitetura antiga, provavelmente acabará esbarrando na cidade de Ugarit. Mas a maior importância deste site é o esclarecimento que ele oferece a respeito da religião cananéia e da religião israelita, da poesia e de algumas das idéias

obscuras associadas ao Antigo Testamento. Além de compreender o colapso da Idade do Bronze Final antes disso.

Deixe-me entrar nisso bem rápido. Portanto, antes da descoberta de Ugarit, tudo o que tínhamos no que diz respeito ao comentário sobre o panteão religioso cananeu era o que tínhamos no Antigo Testamento. Acabamos de ver a opinião de Israel sobre todas as realidades pagãs que existem por aí.

Então, nós meio que sabíamos quem era Baal. Nós meio que sabíamos quem era Asherah, Dagon, etc. Mas tínhamos apenas uma perspectiva limitada sobre isso.

E era uma perspectiva muito negativa. Mas quando os escavadores encontraram a casa do sacerdote e a sua biblioteca pessoal, descobrimos que eles descobriram os mitos de Baal e o ciclo de Baal. Todos esses textos começaram a esclarecer e, em alguns casos, obscurecer a definição de divindades, a relação entre divindades, etc.

E então começamos a perceber, ok, Baal é parente de El, Asherah é isso. E assim começamos a juntar as peças. À medida que juntamos as peças, começamos a compreender a negatividade associada à percepção dos israelitas sobre a religião cananéia.

Que era uma religião baseada na agricultura, que os ciclos das estações estavam amplamente associados ao sustento na agricultura e nesse tipo de coisas. Então esse foi um elemento que ficou muito, muito esclarecido através da consulta desses textos. Agora tínhamos outra perspectiva sobre esses nomes, o que nos permitiu preencher o quadro com um pouco mais de clareza.

Quando se trata de poesia, Mitchell Dahood escreveu um comentário de três volumes muito, muito influente sobre os Salmos na série Anchor Bible. E realmente deveria ter uma legenda no sentido de que é tudo basicamente ugarítico de qualquer maneira, o que nos importa? Porque nesse comentário ele apenas faz referência constante aos paralelos ugaríticos. Agora, por um lado, podemos rir e dizer: você exagerou, Dahood.

Mas, por outro lado, há muitos fundamentos para o que ele faz. Pelo que descobrimos, se houve algo que nos permitiu compreender a poesia da Bíblia, o que define a poesia bíblica, como funciona, o que é bíblico? Não foi o Antigo Testamento. Foi Ugarit.

Porque Ugarit mostra e exhibe paralelismo da mesma forma que, paralelismo da mesma forma que vemos na poesia hebraica bíblica. Então, sabemos como, sabemos que o paralelismo, esta ideia da afirmação A e, mais ainda, da afirmação B, a relação entre uma cláusula ou cláusulas subsequentes e uma cláusula principal, é realmente o que define a poesia hebraica bíblica mais do que qualquer outra coisa, mais do que

rima, ritmo, etc, o que é um pouco difícil para nós, dada a nossa compreensão do que realmente define a poesia na nossa cultura.

Mas realmente começamos a refinar o que era a poesia no mundo antigo, graças aos textos Ugarit. Agora, associado a isso também começamos a encontrar semelhanças estranhas entre alguns salmos e alguns dos salmos ugaríticos. Quase ao ponto em que, ok, se realmente pegarmos esta palavra no ugarítico e colocarmos Yahweh lá, isso é essencialmente a mesma coisa.

O que sugere que em certos pontos, a cultura israelita e a cultura judaica estavam usando algumas das ideias poéticas que foram encontradas em Ugarit, e então elas simplesmente as teologizaram, por assim dizer. Eles colocaram Yahweh em vez de Baal. E o melhor exemplo disso é a imagem de Yahweh vindo montado nas nuvens no livro de Daniel e em alguns outros locais.

E todos nós conhecemos o refrão: Eis que Ele Vem, cavalgando nos Dias de Elias. Bem, parabéns, Days of Elijah, refrão moderno. Esse é um cananeu, originalmente um hino cananeu a Baal.

Mas foi assumido pelos israelitas, e agora usamos isso, agora usamos isso para descrever o Senhor nesses tipos de coisas. Então, tudo isso realmente começa a vir à tona com o texto de Ugarit. Algumas das ideias obscuras, uma das mais famosas é que Amós é chamado de Noqed.

E o que é um No qed? Nós o chamamos na tradução para o inglês de pastor de Tekoa. Mas o que isso significa? Quero dizer, o que isso realmente significa? Bem, de acordo com a evidência ugarítica, um Noqed parece ser um tipo de pastor associado a algumas instituições bastante significativas. Então, Amós parece ter sido uma pessoa responsável por alguns dos rebanhos reais, se preferir, isso é possível.

Novamente, isso é esclarecido com algumas evidências ugaríticas. Além disso, há uma conexão entre a mistura de figos que Ezequias coloca na nuca quando está doente. Essa palavra aparece em uma tabuinha ugarítica dedicada à medicina equina.

Então, é bastante interessante que o termo usado no Antigo Testamento esteja associado à medicina. Esses são os tipos de coisas que vemos com o Ugarítico. Agora, uma das coisas que não coloquei neste slide e que acho que é provavelmente ainda mais importante é que Ugarit também nos dá um retrato de como as coisas funcionavam pouco antes do colapso da Idade do Bronze Final.

Lembre-se, novamente, de que mencionei que isso fica bem perto da costa do Mediterrâneo. Era uma cidade muito, muito importante que parecia canalizar muita influência cultural na região. Assim, à medida que o comércio passava pela região

através da bacia do Mediterrâneo em direção à região da Mesopotâmia ou ao sul em direção ao Egito, grande parte dele passaria por Ugarit.

Isto está bem documentado através da correspondência textual. Mas dá-nos uma ideia do que realmente estava a acontecer pouco antes do colapso da Idade do Bronze Final. Porque o colapso da Idade do Bronze Final será muito, muito significativo e irá alterar fundamentalmente a região.

A Idade do Bronze Final é amplamente definida, Eric Klein escreveu muito sobre isto, mas a Idade do Bronze Final é amplamente definida pela primeira rede económica verdadeiramente global do mundo. Assim, as pessoas na Grécia, as pessoas no Egito, as pessoas na Mesopotâmia, as pessoas na Síria-Palestina, todos faziam negócios juntos. Eles estavam negociando, engajados no comércio, fortalecendo relações políticas através do casamento, etc.

Temos evidências textuais de tudo isso, mas tudo desaba de uma forma muito, muito violenta por volta de 1200 aC. E quando esse colapso acontecer, entrará em colapso violentamente e criará um vácuo político para onde o Egito irá recuar e deixar a Síria-Palestina, deixar a terra prometida, por assim dizer, aberta para os israelitas entrarem. para resolver. Portanto, se quisermos compreender o assentamento dos israelitas, precisamos compreender o significado do colapso da Idade do Bronze Final.

E começamos a compreender o significado do colapso da Idade do Bronze Final através das evidências de Ugarit. Então, novamente, Ugarit está aí por razões históricas, é importante, está aí por razões linguísticas, e também está aí por razões culturais, particularmente a cultura religiosa pagã. Coisas muito interessantes.

Muito mais poderia ser dito. E quero terminar hoje com um exemplo moderno de um site muito controverso. Aludi ao facto de a Estela de Tel Dan ser muito controversa, e penso que Khirbet Qeiyafa, se ainda não a ultrapassou, está muito próximo.

Este é um site muito interessante, é muito importante, mas é muito confuso. E é um local que aparece sobre o Vale Ela. Lembre-se de Ela Valley, este é o lugar onde Davi enfrenta Golias, e é aqui que Davi mata Golias.

Mas este é um lugar com vista para o Vale Ela, no Shephelah. É em torno desta região, tão expandida aqui, está neste lugar geral bem aqui por aqui. E é altamente, altamente controverso, e o debate em torno do local gira em torno de como o datamos, a cronologia da Idade do Ferro, que local é esse, e depois há um óstraco lá, ok? Este é um local que só foi habitado por um período muito, muito curto de tempo.

Não existem muitas fases de ocupação neste local, mas as fases de ocupação são muito distintas porque demonstram um sistema de fortificação muito sofisticado que tem duas portas à volta de uma cidade. Era uma cidade circular e tinha o muro casamata, que é uma marca associada à cultura israelita mais do que qualquer outra coisa. E dois portões, como mencionei, o que não é inédito, mas é muito estranho.

Há evidências que sugerem que Siquém durante a Idade do Bronze pode ter tido dois portões. Mas é certamente durante a Idade do Ferro. É bastante único. Mas, novamente, foi um local que não foi ocupado por um longo período de tempo.

Mas quando foi ocupada, parece que foi ocupada de forma muito, muito intensa. Há evidências de ocupação, ocupação doméstica ali, mas também há evidências de um complexo administrativo central muito grande. Então tem essa instalação que parece ocupar uma variedade, a grande maioria do espaço.

E então, como datamos isso? Quando isso foi realmente ocupado? E quando estamos namorando um site, você pode datá-lo por meios relativos ou por meios absolutos. Relativo significa exatamente o que parece. É um sistema de datação contingente, relativo a outra coisa.

Portanto, a cronologia da cerâmica é um sistema de datação relativa porque os fragmentos de cerâmica são relativos aos fragmentos de cerâmica que encontram em outros locais para coordenar as coisas. O namoro absoluto é um sistema de namoro que pode ser independente. A datação por carbono 14 é provavelmente o sistema de datação absoluta mais amplamente compreendido.

E assim, eles submeteram algumas evidências à datação por Carbono-14, e submeteram algumas evidências de cerâmica à datação relativa. Os escavadores, que provavelmente foram um pouco arrogantes com algumas de suas evidências, sugeriram que este era um local que datavam na época de Davi, e sugeriram que se revelava um sistema de datação alternativo. Então, por serem tão extravagantes em seus pronunciamentos, atraíram muitas críticas, e com razão.

Acho que sempre que alguém é excessivamente egoísta, acho que precisamos ser, você sabe, realmente precisamos olhar para eles e criticá-los onde precisam ser criticados. Mas eles foram criticados e houve muita resistência. Mas, essencialmente, o argumento é: este é um sítio do Bronze Final ou da Idade do Ferro? E se for um sítio da Idade do Ferro, então pode ter implicações para a compreensão do alcance da Monarquia Unida.

Porque, novamente, a cultura material deste lugar mostra mais afinidades com o que está acontecendo em Jerusalém e nas Terras Altas Centrais do que com o que está acontecendo na costa com os filisteus. Tudo bem, os potes, a cerâmica, a forma como organizaram a cidade, os restos de animais, eles têm mais afinidades com o

que está acontecendo em Israel do que com os filisteus. Mas se for um local do final da Idade do Bronze, então tudo está no ar e temos que reconsiderar tudo.

Então, os escavadores obviamente disseram que este é um local da Idade do Ferro e, portanto, é uma evidência de uma Monarquia Unida viável em Jerusalém. Ok, então esse é essencialmente o debate sobre a cronologia da Idade do Ferro. É realmente a Idade do Ferro, quando dizemos, ou é mais uma transição da Idade do Bronze tardia, do início da Idade do Ferro? A identificação do local é outro ponto de polêmica.

Khirbet Qeiyafa, que site na Bíblia é Khirbet Qeiyafa? Portanto, Khirbet Qeiyafa coordena com o local mencionado na Bíblia. Os escavadores disseram, bem, isso é fácil, dois portões; este é Sha'arayim bíblico porque Sha'arayim bíblico significa literalmente, espere, dois portões. Este é um local associado à fuga dos filisteus em resposta ao assassinato de Golias por Davi em 1 Samuel, capítulo 17.

É aí que vemos o Sha'arayim bíblico entrar em cena. Então, dizem os escavadores, olha, Vale de Elah, uma cidade com dois portões, Sha'arayim bíblico. Bem, obviamente há resistência nisso porque há resistência em tudo, e havia outras opções que foram apresentadas como alternativas viáveis.

Os escavadores resistiram e disseram: não, não, não, não, não, estamos lidando aqui com o Sha'arayim bíblico. Depois há um óstracon. Lembre-se, ostracon são cacos de cerâmica com escrita neles, e havia um caco de cerâmica com escrita nele, e a razão pela qual isso criou um monte de rebuliço é por causa da precocidade do site.

Este é um site muito, muito antigo, quer você o esteja datando da época da Monarquia Unida ou antes, é muito, muito antigo, e eles encontraram evidências de escrita. E então, o que diz este óstraco e quais são as implicações que podemos tirar disso? E muitas pessoas seguiram caminhos diferentes. Algumas pessoas disseram, ah, não passa de um escriba, não passa de um escriba, não passa de um escriba que o escriba usou para praticar suas palavras nele.

Outras pessoas dirão, não, não, isso é evidência de uma consciência emergente da Torá, e nós podemos realmente ir, podemos realmente desenvolver isso, e podemos falar sobre o desenvolvimento da classe dos escribas e o desenvolvimento de certas ideologias, etc. O problema com tudo isso é que esse óstraco é muito, muito difícil de ler. Sinceramente, nem sabemos em que direção as letras vão, certo? Porque nós, como falantes de inglês, escrevemos da esquerda para a direita.

O hebraico segue o caminho oposto da direita para a esquerda. Portanto, o hebraico é o sonho do canhoto. Neste óstraco não sabemos se sobe ou desce, para a esquerda ou para a direita.

Não sabemos e há argumentação para tudo isso. Então, é muito, muito cedo. É muito, muito difícil de ler, e há muita dificuldade em lê-lo.

Mas, novamente, identificação, Sha'arayim, dois portões. Estes, eu circulei os dois portões. Parece ser bastante legítimo, certo? Parece ser algo bastante plausível com base na cultura material de lá.

Observe esta foto bem aqui. Esta é esta enorme instalação central. Não sei ao certo o que era, mas é grande e fica bem no meio da cidade.

Curiosamente, Lakish também possui um grande complexo administrativo no meio da cidade durante o período posterior do Ferro II. Então isso é um precursor de como as cidades da Judéia serão planejadas posteriormente? Não sei. Ainda há muita ambigüidade aqui, mas é muito, muito interessante.

Aqui está uma foto do óstraco e, novamente, essa foto provavelmente não fará justiça a você, mas você pode ver as letras aqui. Você pode ver letras aqui, mas quando chega aqui, você não consegue ver nada, certo? E já falei sobre a cronologia da Idade do Ferro. Já falei sobre o namoro relativo e o namoro absoluto.

Novamente, a datação absoluta foi feita mais do que qualquer datação por carbono-14. A datação relativa era a cronologia da cerâmica e a aparência do conjunto de cerâmica em comparação com outros locais. Se este óstracon é hebraico, e há uma discussão sobre se essa coisa é hebraica ou não, acho que é hebraico, mas Christopher Ralston se perguntou se é fenício com base na palavra usada para o verbo ser.

Não creio que o argumento dele seja totalmente firme, mas acho que provavelmente é hebraico. Se for hebraico, o que podemos inferir dele? O que podemos dizer sobre o desenvolvimento da língua hebraica? O que podemos dizer sobre a estrutura social hebraica, etc.? O que é interessante nisto, e penso que onde me encontro nas implicações de Khirbet Qeiyafa, é em torno desta ideia de desenvolver um perfil preciso para a região durante o início do Ferro II. Mais uma vez, concordo com a datação inicial deste local pela escavadeira.

Eu acho que é provavelmente mais um site de Ferro II do que um site de Ferro I da Idade do Bronze Final. Penso que estamos a lidar com um site que provavelmente estava em uso durante a era da Monarquia Unida, e penso que com base na cultura material, parece sugerir evidências de que o sistema político em Jerusalém, a Monarquia Unida em Jerusalém, está a tentar para se estender. E recentemente li um artigo muito interessante escrito por um cara chamado Avraham Faust que apresenta um argumento interessante.

E ele fala sobre um esforço de colonização que está enraizado na política das terras altas centrais, que está exatamente onde estão Israel e Jerusalém. E ele está dizendo que há um esforço documentado e observável para colonizar a Shephelah, que é exatamente esta região aqui, que atingiu seu apogeu durante o Ferro II. E ele fala sobre o lugar de Khirbet Qeiyafa nisso.

Ele argumenta que Khirbet Qeiyafa foi o esforço inicial para colonizar a Shephelah pelo que deveria ser a Monarquia Unida. Mas falhou. A razão pela qual Khirbet Qeiyafa aparece tão rapidamente, a razão pela qual os estratos de ocupação de Khirbet Qeiyafa são tão curtos, é que foi uma cidade que foi ocupada apenas por um curto período de tempo.

A razão pela qual isso acontece é porque falhou porque os filisteus ainda não estavam suficientemente aleijados em seu poder. Que os filisteus ainda eram poderosos o suficiente e não permitiram que Khirbet Qeiyafa existisse além de apenas alguns anos. Que eventualmente foram os filisteus que entraram, incendiaram a cidade e, uma vez que isso aconteceu, a Monarquia Unida não a reconstruiu.

Eles apenas o deixaram em ruínas. Então, este é um mau investimento, se você quiser. Eles reduziram suas perdas.

Eles investiram muito, desenvolveram-no, mas quando foi invadido pelos filisteus, perceberam que os filisteus iriam fazê-lo novamente, então simplesmente reduziram as perdas e redobram os esforços em outros lugares. Mais tarde, este esforço de colonização, especialmente quando os filisteus começam a diminuir o seu poder e influência na região, é quando o esforço de colonização realmente se enraíza na Sefelá. Então, é um artigo interessante.

É um artigo interessante que pode explicar por que Khirbet Qeiyafa era um site que se desenvolveu muito bem, muito rapidamente, mas não durou muito. É também uma teoria que explica Khirbet Qeiyafa potencialmente no contexto de tudo o que acontece na região. E pode explicar potencialmente porque há mais afinidade com a cultura material de lá e com a cultura material que vemos nas Terras Altas Centrais entre Israel e Judá.

Então isso é tudo muito, muito interessante. E assim, Khirbet Qeiyafa é, novamente, outro exemplo de uma ampla convergência que realmente começa a iluminar o que está acontecendo na cultura israelita e judaica durante o período inicial do Ferro II e o que o desenvolvimento dessa cultura, a expansão desse tipo de cultura de parecer. E acho que Khirbet Qeiyafa nos oferece uma imagem muito, muito importante disso.

Agora, aqui está o motivo pelo qual quero terminar com todos vocês sobre isso. Associada a este debate, particularmente com Khirbet Qeiyafa, estava a ideia de

agruparmos todos numa de duas categorias. E vamos chamar essas categorias de maximalistas ou minimalistas.

E se você é um maximalista, então você acredita que o Antigo Testamento é completamente preciso historicamente. É isso, vocês podem ver a polarização aqui, muito preto e branco. Você é um ou você é o outro.

Então, os maximalistas são pessoas que acreditam que existe uma historicidade inerente ao Antigo Testamento, que é sempre verdade, e que se houver alguma preocupação, vamos ficar do lado do Antigo Testamento. Vamos recorrer ao Antigo Testamento para explicar o que vemos na prática. Por outro lado, existem os minimalistas.

Os minimalistas são aquelas pessoas que vão dizer não, o Antigo Testamento, estas são as pessoas que vão estar inclinadas a dizer não, o Antigo Testamento é um documento ideológico. É um documento teológico. E, portanto, é inclinado.

E, portanto, a sua apresentação histórica será tendenciosa. E assim estaremos inclinados a desviar o olhar do Antigo Testamento e focar em coisas como arqueologia, focar em coisas como evidências extra-bíblicas. O que os assírios estão dizendo? O que os filisteus estão dizendo? O que os moabitas estão dizendo? É para onde vamos nos inclinar.

Claro, você pode ver o problema nisso. É muito preto e branco e muito polarizador. E se você entendeu alguma coisa dessas palestras, espero que entenda que a conversa precisa ter nuances.

E não há uma resposta padronizada para, bem, como o Antigo Testamento interage com a arqueologia? E qual é a relação do Antigo Testamento com a arqueologia? Não podemos responder a essa pergunta com uma resposta padronizada em preto e branco. Mas, em vez disso, temos que abordar isso caso a caso. Portanto, essas duas escolas de maximalistas versus minimalistas apenas precisam de ser descartadas.

Só precisamos parar de falar sobre as coisas nesses termos. Em vez disso, precisamos iniciar essa conversa caso a caso e nos perguntar: ok, quais são as evidências aqui? O que a Bíblia está dizendo? O que a Bíblia está exigindo de nós? E o que a arqueologia está dizendo? O que a arqueologia está nos dizendo antropologicamente? O que a cultura material nos diz sobre aquela cultura ali, sobre aquele local? E como essas coisas convergem? E qual é a natureza de sua convergência? Existem pontos específicos onde a arqueologia está falando de afirmações específicas da Bíblia? Ou estamos fazendo isso de uma forma genérica e abrangente? E então estas são as perguntas que devemos nos perguntar quando tentamos desvendar a relação entre a arqueologia e o Antigo Testamento. Como a arqueologia se cruza com o Antigo Testamento? Bem, está se cruzando de várias maneiras.

Precisamos compreender novamente as coisas caso a caso, analisando diligentemente as exigências do texto e os detalhes e evidências da arqueologia.

Este é o Dr. David B. Schreiner em seu ensinamento sobre Ponderando a Espada. Esta é a sessão 4, Algumas outras descobertas importantes e a natureza de suas convergências.